

Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas *—

Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Director e Proprietario

Francisco d'Oliveira Bello

Composição e impressão—Typ. A. F. Vasconcellos, suc.
Rua de Sá Noronha, 51—PORTO

Director gerente e redactor, M. Duarte Silva

Administrador, Manoel Alves Correia

«O original publicado ou não, não será devolvido».

IMPRESSÕES

Lá vae o Domingo de Paschoa do anno de Christo de 1910, um dos poucos dias felizes da minha vida, porque, poucos são os dias em que tenho ensejo de colher boas impressões. A Paschoa passou, mas, as impressões serão perduráveis!

A fonte onde colhi essas impressões chama-se essa recita infantil realisada no theatro ovariense que diga-se em boa verdade, nada deixou a desejar, pois que os pequenos interpretes houveram-se como consumados conhecedores da arte de Talma.

Se bello foi o desempenho d'essas lindas comedias, onde mais uma vez ficou patenteado o fino espirito do eximio poeta Dias Simões, e a queda especial para ensaiador que revela o Ex.^{mo} Dr. João Lopes, tambem me deliciau d'uma forma encantadora, a sentimental canção «Bercense» artisticamente des-

N.º 2 «FOLHETIM DA PEROLA»

R. LAMOTE

(TRAD. DE M. D. SILVA)

O PREMIO

(CONTINUAÇÃO)

—Até ao presente, onde poderei desaparecer da Australia...

—Não estou bem aqui. E' preciso que eu vá refazer a minha vida n'outra parte.

Ambos ficaram um momento silenciosos.

O velho Tomy era um d'estes destemidos vindo não se sabe d'onde e que pullulam no grande territorio oceanico.

Elle vivia d'uma exploração

empenhada pela *etoile* d'essa galante troupe, Gumerinda Gaioso, e o *orpheon* que mereceu todos os applausos pela maneira correcta como foi executada, sob a intelligente direcção de Alves Cerqueira.

Simplemente encantador tão lindo espectáculo, cujo fim é já bem conhecido — de tal forma elle é sympathico e altruista. — O facto de, a criação d'uma Bibliotheca, deixar de ser uma lenda, a todos nos contenta e rejubila pelas agradaveis horas que ella nos vae proporcionar.

Evita que morra á mingua de conhecimentos o espirito que, desejando desenvolver-se, teria de permanecer estacionario pela falta de meios que lhe não permitiria adquirir as obras litterarias que desejava.

Sae-se da Escola primaria com umas noções, assaz rudimentares de varias disciplinas e, no fim de pouco tempo, mezes talvez, nada lembra ao alumno porque em casa não ouve fallar no que lhe ensinaram na Escola.

Onde pois procurar elementos que lhe completem o beneficio bem que a Escola fez germinar? Onde, senão na Biblio-

concedida no interior das terras; n'algumas geiras de que elle era possuidor, viveria feliz e em paz, se o sangue d'algum antepassado convicto, não tivesse palpitado nas suas veias

O atavismo em casa d'elle, manifestava-se, roubando aqui e acolá, os carneiros do visinho — um grande proprietario.

Elle não gastaria mal um penny de ninguem, mas julgava — muito legitimo augmentar os seus rendimentos por este imposto da natureza roubando os rebanhos dos outros.

Era um grande *diabo* de cinquenta annos, atarracado e uzava cabelo e barba mal tratados.

Um eterno cachimbo que nunca largava d'entre os dentes, dava-lhe uma fleugma inalteravel

theca? Ella, reune varios ramos de sciencias que nos levará ao caminho do progresso tirandonos da apathia que até aqui fomos votados. Oh! se fosse possivel transmittir a todos, o gosto pela leitura, e se fosse possivel fazer comprehender aos pequeninos d'hoje, futuros homens de amanhã, o bem proveniente da leitura dos bons livros, teriamos dado um grande passo para o progresso.

E' pois aos paes que compete obrigar os filhos a frequentar a Escola, que conforme actualmente é constituída, não os amedronta, antes, os attrae, e tanto mais, quanto regularmente a frequentarem.

Abençoada seja a illustre corporação que constitue a Ex.^{ma} Commissão de Beneficencia que renegando a treva da ignorancia, procura fornecer todos os meios para que a luz seja feita! Abençoados sejam todos aquelles que concorrem para que o analfabetismo, ignominia d'um paiz civilisado, deixe de existir!

Mas... como não ha bonito sem senão, continuaremos no proximo numero, visto escassearmos o tempo, e o jornal estar prestes a entrar no prelo.

e forçava-o a destillar as palavras como que gota a gota.

John não tinha mais de vinte annos.

Seu pae tinha sido camarada de Tomy e, como este, um explorador de aventuras.

Mas John pouco se parecia com seu pae. Elle era moreno como um hespanhol, pequeno, vivo e palrador.

Orphão da sua primeira juventude, o velho Tomy adoptou-o e para fazer d'elle um homem capaz de ganhar a vida sem ter contas com a policia mandou-o para Sidney para alli aprender qualquer officio, mas este habituado á vida livre que sempre levou, em breve deixou aquella cidade e voltou para junto do seu pae adoptivo.

GABRIELLA

N'uma eça, á luz d'um cirio,
o geleo somno dormia...
uma virgem muda e fria,
a roza mudada em lyrio...

* * *

Ainda hoje, á hora do crepusculo, quando o ultimo esto d'uma tarde calmosa desaparece na quebrada d'aquella serra, Heitor, olhando o infinito, talvez sonhando a imagem querida n'um contorno d'estrellas, vae, como as almas crentes, n'uma piedosa romagem, levar ao tumulto de Gabriella um enternecido affago de saudades e lagrimas.

I

— Heitor!

— Esperavas-me?

— Esperar-te... se é a esperar-te que eu vivo, Heitor! Quando não te vejo procuro-te no perfume das flores que aspiro ou no palôr das estrellas que se espelham alem, no ribeiro...

E Heitor, olhando o ceu no azul sereno dos olhos d'ella, murmurava n'um cicio:

Este estava na prizão por um roubo de carneiros. O mancebo disposto a imitar o velho no pouco que elle tinha de honesto, pediu uma licença no seu paiz, e obteve-a.

A sua casa ficava algumas milhas distanciada da do Tomy.

Quando este cumpriu a pena elles encontraram-se, e avisinharam-se.

De tempos a tempos, um ou outro montava a cavallo, e n'um galope atravez da praia encontravam-se um junto do outro.

Esta noute porem, John, achou mais prudente fazer essa travessia a pé e silenciosamente, para ir ao rendez-vous que lhe tinha marcado o amigo de seu pae.

(Continúa).

11567 - Pagou a quantia de esmola viz. de 290\$000 que fica
publicado neste jornal n.º 29 a 31 inclusive que fica
lançado sobre competente
Ovar, 31 de Abril de 1910
J. G. Silva

— Minha doce fada!

Gabriella era de sentimentos ternos e profundos,—era d'aquellas que adormecem na candura d'um amor edeal, guardando-o carinhosamente no seu peito como as sensitivas os seus thezouros de perfume no innocente recurvamento das suas petalas de neve.

Era a materialisação d'uma aurora d'assucenas e rozas. Dir-se-hia que os seus cabellos louros eram feitos de raios de sol coados atravez de filigrana d'ouro.

Como se amavam!

Não era raro encontral'os sob o copado d'aquelle olmeiro, de mãos enlaçadas como na sanctificação d'um hymenêu, segredando-se acariciadoras ternuras — emquanto a seus pés o regato murmurante correspondia enlouquecido aos enamorados trinados d'um rouxinol occulto na alfombra...

— Minha doce fada! — dizia-lhe Heitor ajoelhando-se n'uma adoração, — minha doce fada, só o teu affecto é capaz de eternisar a primavera do nosso amor.

E Gabriella, na beatitude d'uma santa de Rubens, confundindo o sereno azul dos seus olhos com o azul do ceu, elevava até Deus toda a gratidão da sua alma ou, quem sabe? — talvez o seu coração tremente n'uma supplica de vida...

II

Pelos vitraes do cruzeiro que olham o poente, n'uma derradeira caricia, cahia um tenue raio de sol n'aquelle rosto de santa, embalando-o docemente no seu sonho de marfim sobre uma eça de arminho e oiro...

Lá em cima, o sino da ermida, n'uma plangente toada de saudade, annunciava o emmurchecher d'uma flor — o evolgar de mais um arôma...

Quando o ultimo gemido do bronze, como o soluço d'uma alma querida ao desprender-se da vida, se extinguiu alem, na encosta, uma apothose de luz e incenso, de flores e psalmos emballou docemente aquelle rosto de santa no seu sonho de marfim sobre uma eça d'arminho e oiro...

Depois... o som abafado d'um caixão caíndo na valla e o corte rijo d'algumas enxadadas.

E depois... mais nada!

III

Ainda hoje, á hora do crepusculo, quando o ultimo esto d'uma tarde calmosa desaparece na quebrada d'aquelle serra, Heitor, olhando o infinito, talvez sonhando a imagem querida n'um

contorno d'estrellas, vae, como as almas crentes, n'uma piedosa romagem, levar ao tumulo de Gabriella um enternecido affago de saudades e lagrimas.

Porto.

H. Ernesto.

Fitas cinematographicas

José vendido por seus irmãos

José era filho de Jacob e de Rachel. A grande affeição com que seu pae o distinguia e as imprudentes narrações de sonhos que pareciam prometter-lhe um futuro glorioso, excitaram contra elle o ciúme de seus irmãos. Entregue por elles a negociantes israelistas, José foi em seguida conduzido ao Egypto e depois vendido a Putiphar, intendente da casa real.

A mulher d'este ultimo calumnia o joven israelista, que ella não consegue seduzir, e obriga seu marido a lançal'o na prisão. José encontra ali o copeiro e o guarda dos celleiros de Pharaó, a quem elle prediz o futuro, feliz para o primeiro e infeliz para o segundo.

Achando-se em graça, o copeiro lembra-se do seu antigo companheiro de captiveiro e apresenta-o na côrte. José tinha então 30 annos. Este suavisa as tristezas de Pharaó, mostrando-lhe em dois sonhos que o tinham assustado o annuncio de sete annos de abundancia, a que seguiriam outros sete de esterilidade. O principe enche-o de honras.

O prognostico de José realisa-se. Pharaó aproveita então os sete annos de abundancia para accumular nos celleiros do Estado immensas provisões de trigo para assim livrar o paiz da fome durante os sete annos de escassez.

Apertado pela falta de trigo, os filhos de Jacob dirigem-se ao Egypto, sem saberem que o primeiro ministro era o irmão que elles tinham vendido como escravo. Este então, commovido, concede-lhes generosamente o seu perdão. Os filhos de Jacob, depois da sua volta a Chanaan, contam a seu pae a gloria de José e reconduzem-no ao Egypto onde pharaó lhe fixou residencia no paiz de Gessen com toda a sua familia.

D'estas scenas biblicas, impressas d'um caracter de grandeza e simplicidade, M. M. Gault e Paul Berr extrahiram uma peça cinematographica bem architectada, d'um interesse continuo, na qual se destaca o lado artistico da execução. Esta peça é interpretada com real maestria por M. M. Delaunay, Philippe Garnier e Guilhène, todos da Comedia Franceza.

SURPREZAS DO AMOR

Fita comica de sensação

Um pae e seus dois filhos suspiram pelos encantadores olhos d'uma vizinha a qual é presenteadá por elles com lindos ramos de flores.

A vizinha bastante surpreendida com as successivas aparições dos seus admiradores, vae occultando-os, um atraz do piano, outro na bilibiotheca e outro atraz d'uma cadeira grande.

Em seguida desenrola-se a scena mais comica que se póde imaginar. O pae, surpreendido por seus filhos, e mais culpado do que elles, compra-lhes o seu silencio dando boas notas de Banco. Os filhos então radiantes, por tão inesperado presente, promettem nada divulgar.

TIO PARA HERDAR

Fita comica

O tio Thimoteo era bastante doente, e sua sobrinha Hortence vendo-o bastante mal, telegrapha a seu irmão Tiburcio, esta alarmante noticia: «O tio não fez testamento».

Por cumulo de infortunio, Tiburcio chega já tarde. O tio já tinha morrido! Seus sobrinhos choram sinceramente a sua perda, mas de repente Tiburcio tem uma ideia. Vão chamar o notario e em seguida toma o logar do defuncto no leito, depois de se ter caracterisado e encaixado um barrete de noite, dictando as ultimas vontades do tio Thimoteo.

Mas como nem sempre acontece o que se julga, e emquanto os tres cúmplices põem em execução o seu bello projecto, o tio que estava unicamente mergulhado n'um estado lethargico volta a si e descobre o subterfugio dos seus sobrinhos. Indignado com o que se tinha passado, manda chamar os gendarmes, e entrega os culpados á justiça legando depois a sua fortuna, em devida forma, aos bravos Pandores.

O TEU LENÇO

Eu escondo de vistas indiscretas De profanos olhares, a derradeira Prenda que tu me deste, ó feticheira. Virgem de olhos de fogo e tranças pretas.

E' um lenço, que da essencia de violetas Guarda uma sensação, branda ligeira A prenda por que eu dera a vida inteira E, assim guardo de vistas indiscretas.

E' para mim reliquia estremecida!... N'ella seccaste o pranto commovida Quando te disse adeus... quando parti...

Eu vou partir, beijando o lenço amado... Que hade enxugar o pranto amargurado Que chorarei lembrando-me de ti.

Augusto Corrêa.

UM MILAGRE

(Ao distincto Oscar d'Alvasil)

Era tempestuosa a noite; e, no ceo, n'esse vasto campo d'aniil não se via scintillar uma estrella.

As trevas eram tão negras e expessas que quasi se podiam palpar. Era medonho vêr as ondas encapelladas, revoltas, parecendo quererem confundir-se com as nuvens, no seu furioso vai-vem.

Junto ao ensurdecedor marulhar das vagas, casava-se o estampido horroroso do trovão, parecendo que essa infernal noite seria o preludio d'um cataclismo que para sempre iria submergir o globo terrestre. As trevas eram apenas rasgadas pelo fuzilar do relampago, o que mais tetrica formava ainda esse quadro, já de si pavorosamente respeitavel.

Sobre essas vagas alterosas um pobre infausto batel, onde dois homens luctavam desesperados contra a morte que os empolgava a cada instante, era joguete das ondas, parecendo submergir-se a cada momento.

Já corre sem leme nem esperanza; e os desgraçados tão depressa são elevados por aquella temerosa avalanche d'agua, como precipitados ao abysmo parecendo que para sempre vão desaparecer sob as ondas, e ellas lhes serão o seu sepulchro. Os seus gritos confundem-se com o ribombar do trovão; a sua agonia é cruciante, alli, sob aquelle temeroso céo, á mercê das vagas, sem alento nem esperanza de soccorro, sentem-se aquelles infelizes perdidos para sempre, sem terem a ventura de vêrem no ultimo momento de vida os entes queridos que amavam, e por quem se sacrificavam a todo o instante disputando ao mar o parco alimento de suas familias.

Parece ter-lhe soado a hora fatal, estão exhaustos, alagados os fatos, as mãos escorrendo sangue, o corpo completamente alquebrado pela lucta titanica que elles sustentavam ha já tantas horas.

Ninguem lhe póde valer, ninguem ouve seus clamores, e mesmo que ouvissem quem se arriscaria n'aquelle noite medonha a conquistar ao mar as suas victimas?!

Então, n'esse momento desesperado em que os infelizes, loucos de dor se sentiram para sempre perdidos e sacrificados por aquella temerosa tempestade, tiveram o desejo de elevar as suas preces a Deus, pedindo-lhe perdão das suas culpas, misericordia para as suas almas.

Na oração encontram conforto, renasce-lhe a esperanza, e elevam á Virgem do Soccorro a mais commovente oração, rogan-

A PEROLA

do-lhe os conduza a porto de salvamento.

Sobre as suas pobre cabeças sentem recrudescer a tempestade e a luz d'um relampago mostra-lhe o medonho da sua situação.

Aterrorisados, os miseros ficam exanimados no fundo do batel desmantelado, que elles julgavam ser o seu esquite.

Quantas horas se conservaram n'esse estado, não o sabem elles.

Só sabem que a Virgem do Socorro os salvou de morte certa, arremecendo-os a uma praia, aonde o batel se perdeu mas aonde elles salvaram a vida. Os pobres pescadores, famintos e ensanguentados, ajoelham sobre a areia agradecendo á Virgem o seu milagre. Por as faces queimadas pelo sol e pelas intemperies deslisam lagrimas de intimo jubilo por se verem livres de tão grande perigo.

E lá vão em commovente romagem depor na modesta capellinha da Virgem a sua pobre offerenda e as suas orações rudes mas sinceras, filhas de corações crentes, que nunca deseperam e tem sempre esperança em Deus, n'esse Deus de Bondade e Amor, que véla pelos infelizes e é o nosso unico amparo nas vicissitudes da vida.

Orchidea.

EGOISMO DE MÃE

Era na verdade, demasiado rude o golpe.

Ter acalentado essa meiga creança que era toda a sua vida, ter-lhe consagrado todo o preciosissimo amor que só mães sabem ter, regosijando-se com as suas pequeninas alegrias, e affligindo-se com as suas mais insignificantes tristezas, devotar-lhe um carinho infinito, para, quando essa creança se tornava mulher, quando esperava d'ella as caricias e os cuidados proprios d'uma filha que comprehende quanto é amada — amada até ao sacrificio — por tão extrema mãe, vel-a entregar a outrem a maior parte do seu coração, o maior numero dos seus pensamentos!

E quem era esse que vinha roubar-lhe o grande affecto a que tinha direito como mãe, e como mãe amantissima que sempre fôra? — Um desconhecido.

E arguia no seu intimo a innocente creança que assim repartia o amor, esse amor que devia ser seu, apenas seu — sem se recordar que como Ella, tinha cedido tambem a sua vida a um homem, e que tinha esquecido as suas outras affeições para as reunir completamente no amor que lhe votára.

No entretanto, Ella, a filha carinhosa, não deixava de ter os mesmos desvellos, as mesmas ternuras para com a mãe que adorava... mas esta, com o sentimento de todas as mães, que leem no mais recondito do coração dos filhos, comprehendia que outra imagem mais fixa se mostrava ante os olhares dulcissimos d'essa meiga creança.

Julgava-se lezada nos seus direitos á affeição da filha; e então uma antipathia cruel por esse que ella acertadamente julgava o cauzador da sua magua, avassallou-a, apossou-se do seu espirito e tenazmente mostrava o seu despeito, a sua raivazinha egoistica — santo egoismo o de mãe — martyrisando duas almas que se tinham unido indossulvelmente.

Elles, apesar d'isso, firmes no seu amor, obrigados pela sinceridade da sua affeição, conscios de que esse amor leal desinteressado, puro não podia ser um mal antes a diffusão de um raio de luz sobre as suas almas — luz bemdita que as tinha enlaçado, que as prendera — resignavam-se a essas contrariedades confiando no futuro, cheios de esperanças.

Não cessava de um lado a relutancia a esse amor, nem elle deixava de esperar que se fizesse justiça aos seus sentimentos nobres.

Apenas a doce creança ia a pouco e pouco definhando, esvaecendo-se-lhe do rosto angelico as cores rosadas que o tornavam tão bello. Uma melancholia apossara-se d'ella, deixando-a ás vezes, como roza pendida sobre a haste, n'uma apathia dolorosa, olhos fixos no espaço abstratamente, os labios tremulos, como murmurando um nome uma prece...

A mãe cheia de dôr, via emurchecher essa flôr que tanto gostaria se ostentasse vaidosa do seu perfume, do setinozo das suas petalas, e mal ousava comprehender-lhe a cauza.

Não; era impossivel — Ella era uma creança ainda, e não podiam ser esses amores infantis o motivo de tão grande martyrio.

E tentava alegre-a, dar-lhe vida, insuflar-lhe animo.

Tomba o sol no espaço deramando sobre os jardins cheios de flôres uma luz desmaiada e pallida, cheia de intimas tristezas de suspiros amargurados.

Reclinada sobre uma larga cadeira, rodeada de almofadas, uma creança de cabellos louros espersos sobre os hombros, as faces descoradas e emagrecidas, as pupilas extremamente dilatadas circumdando-as uma orla roxa, olha tristemente para esse occaso melancholico, para o sol que desaparece vagarosamente por detraz das montanhas, e que não tornará mais a ver.

Oh! jamais!

Uma lagrima pura, christalina, limpida deslisou-lhe pelas faces e foi cahir no rosto da pobre mãe que, junto d'ella, chorava com a cabeça apoiada nos joelhos da filha que morria.

Erguendo-a pôde ainda ver deslisar-lhe pelos labios um derradeiro suspiro e semi-cerrando-se-lhe os olhos suavemente sem uma contração n'aquelle rosto divinal.

Abraçou convulsamente, loucamente bradando-lhe entre bei-

jos e lagrimas entre caricias e soluços.

Filha! minha filha!... Não me deixes só!... Sou eu... é tua mãe... Escuta! Pede-me tudo, que tudo te farei... mas não morras, não me abandones... filha adorada!...

O sol tinha acabado de esconder-se, levando nos seus ultimos raios a alma purissima d'aquelle anjo.

Augusto Corrêa Freitas.

SECÇÃO ESPECIAL

ANTIGUIDADES

SONETTO do Iffante Dom Luis

*Mal q' do tempo em t'po voas crescendo
Quem te visse de algum bem acompanhado,
Esta vida passaria descansado
E a morte confiado não temendo.
Se os vãos desejos fosse convertido
Em suspiros q' nascem doutro cuidado,
O quam prudente e bem afortunado
Que capella de louro irija tecendo.
Tempo he de transtornar os fundamentos
Passados com a esperança que pafsou
Triumphem já os nossos pensamentos
E af'e q'nalma viva meficou
Dee eterno fim aos mundanos torme'tos
Em que o pafsado viver se co'denou*

SONETTO que mandou Dom Manoel de Portugal ao poeta fr.^o de Saa Miranda, enviandolhe h'ua eglog.

*Soem as vezes ser mais estimadas
As pallidas espigas, puramente
Offerecidas, que o ouro reluzente
Descoberto por vias sotterradas
Porisso anteos não confiados
Rarissimo francisco e excellente
Estancias incultas e desordenados
O que brotou de si a natureza
De artificio nem de arte ajudada
Colhido sem sação s'or offereço
A vontade de vos seja estimada
Que em tam baxo tempo em q' pureza
Em que obras não ha, deve ter preço*

Sepultura de Portugal e do infelice Rey Dom Sebastian

*Nu' valle so'brio e fundo
Escuro mal ajombrado
Vi Portugal e'terrado
Por'desengano do mundo*

*Sem armas e sem blazam,
Mas com riscos e labeo
Tinha em lagem do ceo
Este letreiro de carvam*

*A ira justa e divina
Movida por meus pecados
A grande força dos fados
Causaram minha ruina*

*Eu mesmo mefiz a guerra
Eu me quiz assim acabar
E atee para menterrar
Me falta logar em terra*

*Domei barbaras nações
Sujuguei reinos e Reys
Vency batalhas dey leis
Aas mais remotas regiões*

*E toda esta monarchia
Quem a veraa q' o crea
Toda coberta de area
Desfeita menos de her' dia*

*Fui Ilion, fomos troianos
Fui estimado e contente
Sou hora oprobio da gente.
Despreço de castelhanos.*

*E se ainda me conheceis
E a vida vos contenta
Fugi aapatria avarenta
Fugi aasterras crueis.*

*Jaço aqui sem esperanza
Que para sempre perdy
Pois com razam merecy
O juizo da vingança*

*E pois nos olhos mostrais
Quanto vos doe meu mal
Vedes aqui portugal
Para nu'qua o verdes mais.*

A PEROLA

LENÇO BORDADO

Este lenço bordado de violetas
Que tu me deste, bella flor mineira,
Tem o aroma das tuas tranças pretas
Que afaguei com ternura verdadeira.

Tão melindrosa como as borboletas,
Tão casta como a flor da laranjeira,
N'este lenço bordado de violetas!
Guardo a tua lembrança derradeira!

O povo diz que—o lenço é despedida...
E eu vou partir!... E triste... e commovida
Nem sei dizer-te se ainda volto aqui!

Eu vou partir, beijando o lenço amado...
Que ha de enxugar o pranto amargurado
Que chorarei lembrando-me de ti!

Aurea Pires.

SECÇÃO CHARADISTICA

Director, M. Duarte Silva

RUA DE SANTO ILDEFONSO, 260-2.º

DECIFRAÇÕES DO N.º 30

1, Roma-romã; 2, Acilia; 3, Mangil; 4, citola; 5, Aguiã; 6, Pascacio; 7, Hippocampo; 8, Si-meão-Sião; 9, Engasgos-Engos; 10, Ganoga-gaga; 11, Dourou-Douro; 12, Alcea-alce; 13, tosta-tostão; 14, Lancha lanchão; 15, Cris-crise; 16, Adenos-adenoso; 17, Cava-ava; 18, Bali-ali; 19, Argo arga; 20, Quedo-queda; 21, Carrico-carrica; 22, Avulso-avulsa; 23, Peripecia-pericia; 24, Robs-bororós; 25, Entravamento; 26, Entrecaladamente; 27, Camillo é grande entre os grandes.

Quadro de honra

ARTHUVEDO

Decifradores do n.º 30:

Arthuvedo os n.ºs 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27 (total 22).—Barbas de bagago os n.ºs 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 20, 21, 22, 23, 25, 26, e 27 (total 18).—Becco &

Viella, 1, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 20, 21, 22, 23, 25 e 27 (total 16).—K. Lunga os n.ºs 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27 (total 17).—José Marques d'Almeida os n.ºs 1, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 22, 24, 25 e 26 (total 18).

A charada n.º 4 fica fóra do concurso, por ter sabido incompleta.

EM PHRASE

1 Fazer ostentação em namoro é acção baixa—2—1

2 A nota do meio repara a saude—1—3

K. Lunga.

3 Aquelle pedaço de pão que está na aduela é para a mulher—2—2.

4 Ah! charadistas! Pegae n'aquelle pau tosco que alem está na viela e ide pescar bacalhau!—2—2.

Republica.

5 Esta mulher bateu n'aquella mulher por causa d'outra mulher—2—2.

6 Vejo no meio d'este instrumento outro instrumento—2—3.

Barbas de Bagaço.

7 Consinto que na embarcação haja descanço—1—2.

8 O urso branco quando entra em Miranda de Douro produz fertilidade—2—3.

Avlis.

9 Quando estive em Melilla, lá n'um rio, a bordo d'um navio, fallei com o Raisuli, por signal que é um velho fidalgo—2—2.

Odeveza.

10 A fructa servia de isca ao lobo, para elle cahir na cinta de esparto—2—2.

Joteba.

11 D'uma povoação hespanhola, na Catalunha, fui parar a uma cidade hungara—2—2.

José M. d'Almeida.

12 No calçado os cabedades são extrahidos d'uma concha—2—2.

13 Resume a magoa ao abreviador—4—1.

Becco & Viella.

EPENTHESADAS

14 2=A fundadora de Carthago era mulher d'um feiticeiro—3.

15 2=Esta mulher é natural d'uma cidade do Brazil—3

Freidank.

INVERTIDAS POR LETRAS

16 Bispo ou Superior das Igrejas orientaes—4.

17 N'uma serra, achei uma plantação brasileira—4.

Raphael d'Altamira.

INVERTIDAS POR SYLLABAS

(Ao eximio J. M. d'Almeida)

18 Não bebas agua d'essa fonte—2.

Joteba.

PARONYMAS

19 N'uma cidade de França, existe na semelhança do nome, um rio da Russia—1.

20 Esteril é o tafetá da India—3.

Gafanhoto.

21 A embarcação é tambem uma terra portugueza—3.

Pinheiro.

BIFORMES

22 A dansa é um divertimento alegre—3.

José M. d'Almeida.

23 A urna funeraria está n'um arbusto—2.

Pinheiro.

SYNCOPADA

24 O maior e mais profundo dos romanos crê na origem do homem—4—3.

M. Christovão.

METAMORPHOSE

25 O policia vigia com disfarce (C. F.)—2.

Freidank.

TYPOGRAPHICO

26 A B O Tejo M
O Sado
O Douro
M Míinho

João da Cidade.



TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.
51, Rua de São Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



A PEROLA

Jornal litterario—Quinzenal

Anno 2.º • Quinta-feira, 31 de Março de 1910 • N.º (29)-31

Sr. _____